

LINGUAGENS DE PODER

Maria Aldina Marques
Sérgio Guimarães de Sousa
(Org.s)

SEPARATA

**O PAPEL DO GRAFFITI NA CONSTRUÇÃO DO
(CONTRA)PODER:
UM ESTUDO COMPARATIVO
PORTUGAL/ARGENTINA**

Rute Rosa
Natália Ricciardi
Matilde Gonçalves



LINGUAGENS DE PODER

Editores: Maria Aldina Marques e Sérgio Guimarães de Sousa

Edição: © Centro de Estudos Humanísticos
da Universidade do Minho (CEHUM)
<http://ceh.ilch.uminho.pt>
E-mail: ceh@ilch.uminho.pt

Capa: José Teixeira

Edições Húmus, Lda., 2019
Apartado 7081
4764-908 Ribeirão – V. N. Famalicão
Telef.: 926 375 305
humus@humus.com.pt

Impressão: Papelmunde
1ª edição: Novembro de 2019
Depósito Legal: 463637/19
ISBN: 978-989-755-430-8

A publicação é financiada pelo CEHUM (Centro de Estudos Humanísticos) da Universidade do Minho com verbas da FCT (Fundação para a Ciência e a Tecnologia).

ÍNDICE

- 7 Nota Introdutória
Maria Aldina Marques & Sérgio Guimarães de Sousa
- 11 Configurações temporais e pragmático-enunciativas de linguagens de poder
Maria Helena Araújo Carreira
- 25 La campagne présidentielle de 2017 dans la tourmente du populisme
Patrick Charaudeau
- 35 Estratégias discursivas do discurso político populista em Portugal:
 Estado Novo e movimentos nacionalistas atuais
Isabel M. Duarte, Alexandra Pinto & Sara Salgado
- 55 Como a linguagem se torna poder:
 “Make America Great Again”
Isabel Marques & Isabel Sebastião
- 79 Carisma e *ethos* do Presidente-Rei – a construção da imagem carismática
 de Sidónio Pais em discursos da ditadura presidencialista de 1918
Micaela Aguiar
- 95 “O presidente é o fusível de segurança do sistema”. Discurso de comemoração
 de mandato presidencial e diálogo subsequente. Construção do *ethos* de
 proximidade e de autoridade
Isabel Seara
- 117 O discurso como espaço de construção do poder
Isabel Gil
- 133 A representação discursiva de mulheres e homens em posição de destaque:
 um estudo comparativo e exploratório
Carolina Joaquim
- 157 A “ofensiva verde” no debate sobre o estado da Nação
Isabel Viola
- 183 Empatia e emoção em textos multimodais: o caso ‘Marielle Franco’
Rosalice Pinto, Maria das Graças Rodrigues & Susana L. Cortez

- 199 Mídia religiosa e poder:
um estudo dos imaginários sociodiscursivos na revista *Ultimato*
Wilma Pereira
- 221 Controle do poder e ideologias:
um estudo discursivo da divulgação do desmatamento na amazônia
Gilmara Ribeiro
- 245 Publicidade e *storytelling*:
a força de uma metáfora numa linguagem de poder
José Teixeira
- 263 O papel do *graffiti* na construção do (contra)poder:
um estudo comparativo Portugal/Argentina
Ruth Rosa, Natália Ricciardi & Matilde Gonçalves
- 281 Lógicas do poder colonial em *Gentes do Mato* (Manuel Pedro Pacavira)
Sérgio Guimarães de Sousa

O PAPEL DO *GRAFFITI* NA CONSTRUÇÃO DO (CONTRA)PODER: UM ESTUDO COMPARATIVO PORTUGAL/ARGENTINA

Rute Rosa*
ruterosa@fcsh.unl.pt

Natália Ricciardi**
natalia.ricciardi@gmail.com

Matilde Gonçalves***
matilde.goncalves@fcsh.unl.pt

Resumo

Situando-se no âmbito da Linguística do Texto e do Discurso e articulando os pressupostos da Análise Crítica do Discurso (Fairclough, 1989) com a abordagem e instrumentos de análise do Interacionismo Socio-discursivo (ISD) (Bronckart, [1997]1999), o presente trabalho foca o papel do *graffiti* na construção do poder.¹ Para tal, procede-se a um estudo comparativo de vinte textos produzidos em dois contextos socio-históricos distintos: Lisboa, em Portugal, e Rosario, na Argentina. Privilegiando uma abordagem teórico-metodológica descente, observamos, em primeiro lugar, as características socio-históricas dos dois contextos discursivos e os parâmetros contextuais, seguindo-se, num segundo momento, a análise comparativa dos mecanismos enunciativos mobilizados, bem como os tipos discursivos associados às diferentes formas de construção do poder. A partir da análise efetuada, verifica-se que a construção do poder é mediada pelos contextos discursivos e, por isso, observamos formas de construção de poder específicas dos contextos em que emergem. Apesar dos recursos linguísticos específicos das duas línguas naturais, predomina o discurso interativo e a mobilização de vozes sociais associadas a diferentes

* NOVA FCSH /FCT, CLUNL.

** UNR.

*** NOVA FCSH, CLUNL.

1. O presente trabalho é financiado por fundos nacionais portugueses, através da FCT - Fundação para a Ciência e Tecnologia, como parte do projeto do Centro de Linguística da Universidade NOVA de Lisboa – UID/LIN/03213/2019 e da bolsa de investigação de Rute Rosa, PD/BD/113974/2015, ao abrigo do Programa de Doutoramento FCT “KRUse – Knowledge, Representation & Use”.

instâncias do poder. Concluímos, assim, que o *graffiti* é uma prática discursiva de contrapoder, dado que procura construir o poder, desconstruindo as formas de poder dominantes.

Palavras-chave: *graffiti*; construção do poder; estudo comparativo; Interacionismo Socio-discursivo; Análise Crítica do Discurso

*

1. INTRODUÇÃO

Desde a sua génese, o termo *graffiti* remete para textos de natureza heterogénea que partilham a ação de transgressão e apropriação indevida ou inesperada dos suportes públicos (Campos, 2007; 2009). O *graffiti* engloba, desta forma, diferentes modos de inscrições executadas no espaço urbano, em suportes diversos, como os muros e as paredes, através da utilização de diferentes instrumentos, como, por exemplo, o aerossol ou o marcador, assim como técnicas e estéticas: *graffiti hip-hop*, murais, *street art*, entre outras. Segundo Aíta, Giovinazzi, Guerri e Lucadamo (2017: 8), “los graffitis, incluso los más racionales, son siempre el resultado de un apasionamiento, un furor que necessita ser dicho o mostrado a todos”. Por outro lado, o *graffiti* atravessa a maioria dos filtros sociais, dado que permite expressar pública e anonimamente múltiplos posicionamentos ideológicos. O *graffiti* é, assim, um meio privilegiado para a contestação e legitimação do poder nas sociedades, constituindo uma prática discursiva de construção de ideologias e representações sociais.

Neste sentido, partindo do pressuposto de que diferentes contextos discursivos podem gerar práticas linguísticas diferenciadas, o objetivo do presente trabalho é evidenciar o papel do *graffiti* na construção de poder em diferentes contextos discursivos. Para tal, procedemos a um estudo comparativo de textos produzidos em dois contextos socio-históricos (Lisboa, em Portugal, e Rosario, na Argentina), articulando os pressupostos da Análise Crítica do Discurso (ACD) (Fairclough, 1989; 2001) e do Interacionismo Socio-discursivo (ISD) (Bronckart, [1997]1999; 2008) e privilegiando os instrumentos de análise do ISD: por um lado, o *modelo de ação de linguagem* e, por outro, os *tipos discursivos* e os *mecanismos enunciativos do modelo da arquitetura interna dos textos*.

2. ISD E ACD: PERSPETIVAS EM ARTICULAÇÃO

Na perspectiva do ISD, a linguagem é uma forma de ação nas diferentes esferas de interação humana, os textos são os correspondentes empíricos e linguísticos das atividades de linguagem e o texto é resultado de uma “ação de linguagem situada”, (Saussure, 2002) correspondendo a uma realização concreta do sistema linguístico numa determinada situação comunicativa (Bronckart, [1997]1999: 75). Neste sentido, os textos são produtos da atividade humana e das suas necessidades. Por outro lado, apesar de todo o texto mobilizar unidades linguísticas de uma língua natural, este não é em si próprio uma unidade linguística, mas uma *unidade comunicativa*, porque as suas condições de abertura e fechamento não derivam do linguístico, sendo determinadas pela ação que o gerou e pelo agir geral a que se articula (Bronckart, 2010: 28). Isto significa que a organização e o funcionamento dos textos não dependem apenas dos recursos e das regras de uma língua natural, envolvem também as propriedades das atividades com que se articulam, bem como os fatores contextuais da situação da ação. Como exposto anteriormente, a ação de linguagem é determinada pelo contexto de produção. Por forma a compreender de que modo se realiza essa determinação, importa sublinhar que o contexto de produção é constituído por um conjunto de fatores referentes ao mundo físico e/ou ao mundo social (normas, valores, regras, etc.) e ao mundo subjetivo (representação que o agente tem e faz de si ao agir, etc.) que interferem na organização textual. O contexto de produção, tal como exposto no quadro do ISD, subdivide-se no contexto físico e no contexto socio-subjetivo. O primeiro tipo de contexto inclui os sujeitos físicos (distinguindo, por um lado, o emissor, como a pessoa (ou máquina) que produz o texto e, por outro, o recetor, como a(s) pessoa(s) que irão receber o texto), o momento e o lugar em que é realizada a ação, ou seja, onde e quando é que o texto é efetivamente produzido. O segundo tipo de contexto considera quatro parâmetros: o quadro social (instituição ou quadro da interação em que se realiza a ação); o papel social assumido pelo enunciador e o papel social atribuído ao destinatário; e a finalidade (efeito que o texto é suscetível de produzir no destinatário (Bronckart, [1997]1999: 93). Em suma, o agente ao produzir um texto tem em consideração as restrições definidas pelo contexto físico e pelo contexto socio-subjetivo.

Além disso, a produção de qualquer texto implica a seleção e adaptação de um modelo de género arquitectualmente disponível, cuja estruturação geral depende das atividades humanas a que está associado (Bronckart, 2008: 40). O género mobilizado neste duplo processo (seleção/adaptação) pode estar

definido e rotulado ou poderá fazer parte de “conjuntos de textos com contornos vagos e em interseção parcial (géneros para os quais as definições e os critérios de classificação ainda são móveis e divergentes)”, denominados “espécies de texto” (“*sorte de texte*”) (Bronckart, [1997]1999: 107; Gonçalves, 2011) ou “classes de” textos (Gonçalves *et al.*, 2018) O *graffiti* insere-se, assim, no segundo caso, pois conforme observámos em trabalhos anteriores, os critérios de classificação dos textos são divergentes, não existindo uma etiqueta de género socialmente estabilizada (Rosa, 2018a). Esta instabilidade decorre, em grande medida, do facto de o *graffiti* poder concretizar objetivos comunicativos muito diversificados. Porém, como já se referiu, o *graffiti* constitui um instrumento privilegiado para a contestação ou legitimação do poder nas sociedades, dado que possibilita a expressão linguística (e não linguística) de múltiplos posicionamentos ideológicos, refletindo, como se irá ver, as relações de poder que permeiam as sociedades, tornando evidente os modos de inserção da linguagem em contextos sociais.

Tal com o ISD, a ACD partilha a perspetiva de pensar a linguagem nas suas interações com as dimensões sociais e praxiológicas. De acordo com Pedro (1997: 27):

Um dos objectivos da ACD é o de analisar e revelar o papel do discurso na (re) produção da dominação. Dominação entendida como (Van Dijk, 1993) o exercício do poder social por elites, instituições ou grupos, que resulta em desigualdade social, onde estão incluídas a desigualdade política, a desigualdade cultural e a que deriva da diferenciação e discriminação de classe, de raça, de sexo e de características étnicas.

Assim, para cumprir este objetivo é necessário considerar o contexto, dado que este é uma dimensão essencial na abordagem do discurso, ou seja, é essencial dar conta das especificidades dos contextos socio-históricos em que emergem as práticas discursivas. Na ACD, para além da relevância do contexto, assume-se que o sujeito é construído e constrói as práticas discursivas a partir da sua natureza de ator ideológico (Fairclough, 1989; Kress, 1996; Pedro, 1989). Segundo Fairclough (2001: 121), “as ideologias surgem nas sociedades caracterizadas por relações de dominação com base na classe, no género social, no grupo cultural [...]”. Além disso, o autor tem uma conceção do discurso tridimensional, ou seja, como texto, como prática discursiva e como prática social, tendo como preocupação “analisar a prática social à qual pertence o discurso em termos de relações de poder, isto é, se essas relações de

poder reproduzem, reestruturam ou desafiam as hegemonias existentes [...]” (Fairclough, 2001: 126).

Neste sentido, as duas perspectivas teóricas (ISD e ACD), independentemente das diferenças terminológicas, nomeadamente entre os termos *texto* e *discurso*, enfatizam o papel das determinações sociais nas produções linguísticas. Deste ponto de vista, para analisar o papel do *graffiti* na construção do poder, é necessário considerar, em primeiro lugar, as características dos contextos socio-históricos em que foram produzidos os textos, nomeadamente os acontecimentos sociais mais relevantes nos dois contextos considerados, os parâmetros contextuais específicos das situações de interação e, por fim, as propriedades linguísticas dos textos. Quanto aos instrumentos de análise linguística, privilegiar-se-á, como já referido, a análise dos tipos discursivos e dos mecanismos enunciativos, dado que estes nos permitem aferir o modo como as relações de poder são linguisticamente construídas e reveladas dos textos, ou seja, como o contexto socio-histórico influi nas escolhas dos recursos linguístico e textuais. Deste modo e a nível metodológico, a análise das características socio-históricas far-se-á ao longo do nosso artigo.

3. TIPOS DISCURSIVOS E MECANISMOS ENUNCIATIVOS

Integrando a *infraestrutura geral*, a camada mais profunda de um dos instrumentos de análise do ISD – o *modelo da arquitetura textual* – os tipos discursivos correspondem a diferentes segmentos constituídos por formas linguísticas específicas que entram na constituição de qualquer texto e de qualquer género (Bronckart, [1997]1999: 138). Na esteira dos trabalhos de Benveniste ([1959]1966), Simonin-Grumbach (1975), Weinrich ([1964]1973) e Genette (1979), os tipos discursivos são considerados em função das condições de produção/enunciação e semiotizam quatro mundos discursivos (Bronckart, [1997]1999: 155). Estes mundos discursivos surgem da relação estabelecida, por um lado, entre as coordenadas temporais que organizam textualmente os conteúdos temáticos e as coordenadas temporais da situação de enunciação e, por outro, entre as instâncias de agentividade mobilizadas no texto e as instâncias de agentividade associadas à situação de produção (Miranda, 2008: 85). A ocorrência de determinadas unidades linguísticas (em maior ou menor número) nos textos permite identificar quatro tipos discursivos: interativo, teórico, relato interativo e narração (Bronckart, [1997]1999: 155-157). Neste sentido, embora os *tipos linguísticos* sejam aquilo a que temos acesso,

os tipos discursivos correspondem à verbalização de operações psicológicas e concretização de modos de raciocínio específicos (Rosa, 2018b: 72).² Conforme se apresenta no quadro abaixo, a construção dos quatro tipos discursivos baseia-se em dois tipos de operações: organização temporal e organização agentiva.

Conjunção EXPOR		Organização temporal	
		Disjunção NARRAR	
Organização agentiva	Implicação	Discurso interativo	Relato interativo
	Autonomia	Discurso teórico	Narração

Quadro 1 – Tipos discursivos. Adaptado de Bronckart [1997]1999, p. 157

Quanto à organização temporal, esta corresponde à localização temporal dos acontecimentos representados em relação à situação de produção e pode concretizar-se de duas formas: se as coordenadas temporais que organizam os conteúdos temáticos expressarem acontecimentos simultâneos à situação de enunciação, há um valor de conjunção temporal, construindo-se tipos discursivos na ordem do expor: teórico e interativo. Por outro lado, se as coordenadas temporais verbalizadas expressarem acontecimentos que não são simultâneos à situação de enunciação, há um valor de disjunção temporal e, neste caso, são construídos tipos discursivos na ordem do narrar: narração e relato interativo. Além disso, a organização temporal cruza-se com duas possibilidades de organização agentiva: implicação e autonomia. Quando há inscrição dos parâmetros da situação da ação de linguagem no texto há um valor de implicação, sendo construídos tipos discursivos implicados no mundo ordinário: discurso interativo e relato interativo. Por outro lado, quando os parâmetros da situação da ação não se manifestam textualmente, há um valor de autonomia, sendo, assim, construídos mundos discursivos autônomos: discurso teórico e narração. Os tipos discursivos são identificáveis a partir da ocorrência de determinadas unidades linguísticas (em maior ou menor número), correspondendo, desta forma, no plano concreto, a tipos linguísticos e, no plano abstrato, a arquétipos

2. Em Bronckart ([1997]1999: 156, 165), os tipos linguísticos correspondem ao nível concreto dos tipos discursivos, ou seja, designam os tipos discursivos semiotizados numa língua natural, distinguindo-se do caráter abstrato dos arquétipos psicológicos.

psicológicos, pois concretizam diferentes operações do pensamento humano (Bronckart, [1997]1999: 155-179).³

Relativamente aos mecanismos enunciativos, estes integram a camada mais superficial do *modelo da arquitetura interna dos textos*, sendo relativamente independentes da progressão temática. Eles evidenciam os posicionamentos enunciativos, isto é, dão a ver as instâncias que “assumem (ou às quais são atribuídas) a responsabilidade do que é enunciado”, bem como as avaliações dessas vozes que se manifestam, nomeadamente opiniões, juízos de valor, entre outras (Bronckart, [1997]1999: 326). Segundo Bronckart, ([1997]1999: 328-329), as vozes podem ser de personagens, vozes sociais, bem como a voz do autor. Porém, como observa o autor, o texto é, geralmente, polifónico, ou seja, nele podem ser evidenciadas diferentes vozes do mesmo tipo, mas também podem ser ouvidas combinações de vozes (Bronckart, [1997]1999: 328-329). Embora as vozes possam estar implícitas, não sendo linguisticamente evidenciadas, geralmente, são explicitadas por marcas linguísticas específicas, como, por exemplo, pronomes e sintagmas pronominais.

4. O PAPEL DO *GRAFFITI* NA CONSTRUÇÃO DO PODER: UM ESTUDO COMPARATIVO PORTUGAL/ARGENTINA

Como referido inicialmente, o objetivo deste trabalho é evidenciar o papel no *graffiti* na construção de poder, partindo do pressuposto que diferentes contextos histórico-sociais determinam construção de poder específicas. Para atingir o objetivo a que nos propomos, selecionámos um *corpus* constituído por 20 textos, 10 em português europeu e 10 em espanhol rio-pratense, recolhidos em 2017 diretamente em duas cidades, Lisboa, em Portugal, e Rosario, na Argentina, tendo como critério a presença obrigatória (não exclusiva) de signos linguísticos. Em termos metodológicos, privilegiamos uma abordagem metodológica descendente, procedemos a uma análise exploratória qualitativa/comparativa, partindo do contexto socio-histórico e parâmetros contextuais da situação de produção dos textos para o linguístico, considerando os mecanismos enunciativos mobilizados e os tipos discursivos associados às diferentes formas de construção do poder nos dois contextos considerados.

3. A caracterização e identificação das unidades linguísticas associadas aos quatro tipos discursivos são apresentadas por Bronckart (1985: 147-150; [1997]1999: 155-179).

No que respeita ao contexto socio-histórico de produção dos textos, como não tínhamos acesso ao momento específico em que foram produzidos, parece-nos relevante considerar alguns dos acontecimentos mais importantes da presente década (2010-2020) nos dois países. Em Portugal, destacamos o período referente ao pedido de assistência financeira à Comissão Europeia, entre 2011 e 2014. Este período, geralmente denominado como “anos da Troika” foi marcado pela austeridade financeira no país, tendo sido aplicadas diversas medidas por parte do poder político, nomeadamente cortes salariais, aumento da carga fiscal, e eliminação de benefícios sociais (particulares e empresas). Neste período, com a estagnação da economia do país, o desemprego aumentou exponencialmente, a classe média perdeu poder de compra, gerando um aumento das desigualdades sociais. Por outro lado, foi também uma época marcada pela crise no sistema bancário português, pela reestruturação e colapso de grandes grupos económicos, pela privatização de empresas/organismos públicos e pelos inúmeros casos de corrupção na esfera política. Destaca-se, ainda, a celebração dos 40 anos do 25 de Abril em 2014. Conforme se apresenta em seguida, sempre que mencionamos os textos utilizamos uma sigla identificativa formada pelas iniciais G (graffiti), PT/AR (país) e número.



Figura 1 – GPT1



Figura 2 – GPT2



Figura 3 – GPT3



Figura 4 – GPT4

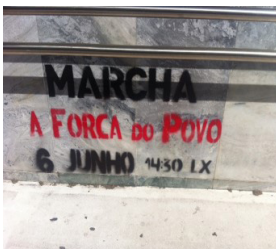


Figura 5 – GPT5

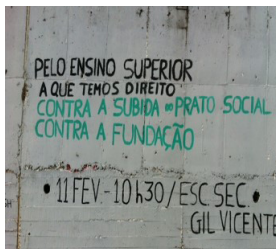


Figura 6 – GPT6



Figura 7 – GPT7



Figura 8 – GPT8



Figura 9 – GPT9

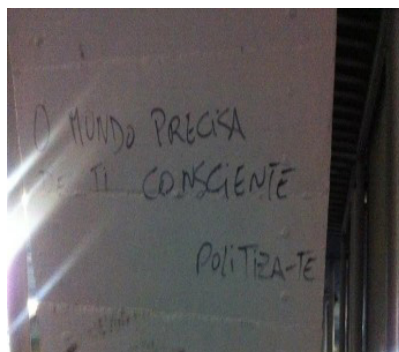


Figura 10 – GPT10

Quanto ao contexto socio-histórico argentino, a presente década (2010-2020) foi marcada pela ocorrência de várias marchas multitudinárias contra a violência de gênero (raiz dos numerosos femicídios registrados no país). Desde junho de 2015, este movimento identifica-se pelo slogan “Ni Una Menos”. Por outro lado, nos últimos 5 anos, o movimento feminista tem assumido especial relevância no país, sendo realizada anualmente a 8 de março a Greve Internacional de Mulheres. Por fim, sublinhamos, ainda, a luta dos estudantes universitários pela melhoria das condições nas faculdades de Rosario, pois os constantes cortes financeiros no âmbito da educação repercutiram-se nos salários dos docentes, no financiamento para projetos de pesquisa e produção científica, bem como na falta de melhorias e de manutenção básica dos edifícios, situação que piorou significativamente com a chegada ao poder político

em 2015 do governo de tendência neoliberal. Em seguida, apresentam-se os exemplares recolhidos no contexto argentino.

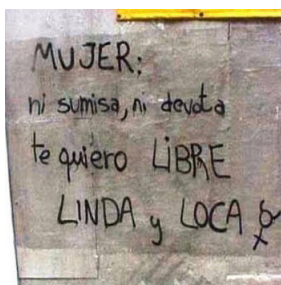


Figura 11 – GAR1

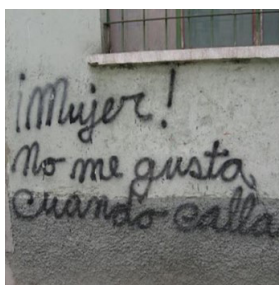


Figura 12 – GAR2

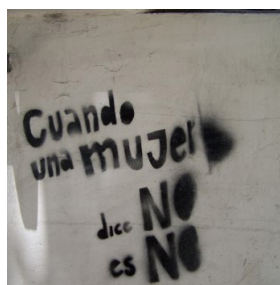


Figura 13 – GAR3



Figura 14 – GAR4



Figura 15 – GAR5



Figura 16 – GAR6



Figura 17 – GAR7



Figura 18 – GAR8

**Figura 19 – GAR9****Figura 20 – GAR10**

No que diz respeito aos parâmetros contextuais, em todos os exemplares, embora o lugar de produção seja inequivocamente identificável, em nenhum dos textos podemos identificar o momento específico em que foi produzido. Neste sentido, se por um lado, podemos inferir o momento de produção dos textos a partir dos temas contemplados, por outro, é transversal a todos os exemplares uma temporalidade fora do tempo com vista à criação de um valor atemporal. Mesmo nos exemplares em que ocorrem datas (GPT5, GPT6, GPT7), apesar de não constituírem formas deícticas, o valor temporal das mesmas é determinado pelo contexto de recepção dos textos.

Quanto ao produtor, embora o sujeito físico não seja identificável, o enunciador, na maioria dos exemplares, é coletivo, assumindo o papel social de um grupo social específico: partido político, militantes, grupo sindical, estudantes, povo (GPT1- GPT10), no caso dos exemplares de Portugal, movimento feminista, estudantes, partido político (GAR1-GAR10), nos exemplares da Argentina. Relativamente ao papel social do destinatário, também coletivo, é atribuído, no caso dos textos de Portugal, aos eleitores, aos militantes de um partido político, ao povo (GPT1-GPT10). Nos textos produzidos na Argentina, o destinatário é também coletivo, sendo o seu papel social atribuído, por um lado, às mulheres, aos estudantes, e às classes mais desfavorecidas e, por outro, aos representantes da sociedade patriarcal que se procura contestar (classe política, coletivo masculino em geral, e um “outro” coletivo feminino associado a instituições historicamente “patriarcais” como, por exemplo, a Igreja). Relativamente aos objetivos da interação, embora o apelo à ação ou mudança seja transversal, nos exemplares de Portugal, esse objetivo concretiza-se no apelo à greve, à manifestação, ao voto, à contestação e à mudança de atitudes e ideologias. No caso dos exemplares produzidos na Argentina, estes visam a

contestação, a intervenção, a desconstrução de atitudes e ideologias relacionadas com a sociedade patriarcal.

Observa-se, assim, que os exemplares foram produzidos em contextos socio-históricos distintos, sendo, por isso, também específicos os parâmetros contextuais, pois tanto os enunciadores como os destinatários assumem ou lhes são atribuídos papéis sociais associados a problemáticas particulares, tendo, igualmente, finalidades comunicativas singulares.

Estas especificidades constroem, assim, diferentes formas de construção de poder. No caso dos exemplares de Portugal, o texto GPT1 diz respeito à contestação dos grupos económicos dominantes no período de austeridade, construindo, assim, o poder das classes mais sacrificadas pelas medidas de austeridade.

Nos textos GPT2 e GPT3, por um lado, observa-se a construção do poder de um partido político (PCP) e, por outro, do povo (GPT2) e da classe dos trabalhadores (GPT3), dado que os estatutos do PCP o definem como o partido político do proletariado português. Já o texto GPT4 corresponde à construção do poder político, através da implicação dos eleitores, dado que o sistema político português se baseia no princípio da soberania popular, ou seja, o poder político é legítimo através da vontade do povo, concretizando-se através do voto. Já nos textos GPT5, GPT8 e GPT9 procura-se apelar ao povo e a capacidade transformadora das suas ações, como a revolta, no GPT8 ou a contestação ao primeiro ministro, no caso de GPT9. No texto GPT6, é contestada a transformação da Nova de Lisboa numa fundação pública de direito privado, bem como medidas da instituição, nomeadamente a subida do prato social, procurando-se, assim, construir o poder daqueles que assumem este posicionamento (estudantes). Em GTP7, temos a construção do poder político vigente, através da contestação do fascismo e da defesa do poder dos princípios democráticos instituídos com a Revolução de 25 de Abril. Já em GPT10, o texto verbaliza o poder da conscientização política, isto é, a política como forma de consciência de si, da nossa posição na sociedade e da nossa capacidade para fazer sociedade e história.

Quanto aos exemplares recolhidos na Argentina, a maioria dos textos procura construir o poder da Mulher, através da contestação da submissão da mulher (GAR1, GAR2 e GAR5), da defesa do poder que a Mulher tem sobre as suas ações e decisões, isto é, o poder de dizer “não” (GAR3), da luta feminista na Argentina e dos grupos que representam este movimento (GAR4, GAR5, GAR7, GAR9). Além disso, o poder feminino é também construído através da contestação das situações de insegurança vivenciadas pelas mulheres.

No exemplar GAR8, é construído o poder das classes sociais mais desfavorecidas, através da contestação das medidas repressivas que tendem a criminalizar a pobreza. Em GAR10, procura-se construir o poder da luta dos estudantes universitários, através da defesa de mais recursos públicos para as infraestruturas de ensino.

Numa perspetiva comparativa, apesar de nos dois contextos discursivos serem privilegiadas formas de construção de poder específicas, observamos algumas regularidades no que respeita aos tipos discursivos e mecanismos enunciativos mobilizados nos textos. Tanto nos exemplares em português como nos textos em espanhol, verifica-se que há ausência da ordem do narrar, isto é, não ocorrem nos textos formas linguísticas nas duas línguas que expressem um valor de disjunção temporal, sendo, assim, privilegiadas formas verbais no presente do indicativo: (precisa / é / temos / estão; *es / gusta / tenemos / somos*).

Por outro lado, na ordem do expor, temos a predominância do discurso interativo, sendo evidenciado pela presença de: frases exclamativas (*Com o povo, com as armas ao poder! Classe contra classe! / Passos Coelho é ladrão!! / Viva la mujer rebelde / Ser pobre no es delito*); formas verbais e pronomes (possessivos e pessoais) de 1.^a e 2.^a pessoa na implicação do recetor e emissor (*No bolso dele estão os teus sacrifícios / Pelo ensino superior a que temos direito / O Mundo precisa de ti consciente. Politiza-te / Te quiero libre, linda y loca / No me gusta cuando calas / Nosotras movemos el mundo / Quiero ser libre / Gozamos y nos rebelamos en manada / somos un montón y no tenemos miedo*); e, ainda, formas verbais no imperativo, no caso dos textos em português: *vota / revolta-te / politiza-te*. Destaca-se ainda, em alguns exemplares, a presença de elementos não verbais, nomeadamente logótipos que remetem para partidos políticos (GPT1, GPT2), implicando-os no que é linguisticamente expresso, bem como símbolos de valores políticos, sociais e ideológicos coletivos, como é o caso do cravo (GPT4).

Quanto aos mecanismos enunciativos mobilizados, observamos que predomina, tanto nos exemplares em português como nos textos em espanhol, a presença de vozes de instâncias sociais, sendo evidenciadas através de formas verbais na 1.^a e 2.^a pessoa do singular e do plural. Nestes textos, as formas verbais e pronomes de 1.^a e 2.^a pessoa do singular, ao contrário do que é habitual noutras classes de textos, não remetem para indivíduos específicos, mas para qualquer pessoa que passe e se identifique com a mensagem veiculada, remetendo, assim, para instâncias sociais: *No bolso dele estão os teus sacrifícios* (GPT1) / *O Mundo precisa de ti consciente. politiza-te* (GPT10) / *Te quiero libre,*

linda y loca (GAR1/ *No me gusta cuando callas* (GAR2). Os elementos não verbais também explicitam as vozes sociais, na medida em que remetem para entidades / grupos político-sociais, como, por exemplo, a presença da cor roxa em alguns textos em espanhol, dado que é símbolo do movimento feminista na Argentina, e a imagem do cravo, como símbolo de valores democráticos transversais à sociedade portuguesa. Nos textos em português, destaca-se a presença de um campo semântico relativo a ideologias políticas e valores coletivos, como, por exemplo, *25 de abril* e *Constituição* (GPT4 e GPT7). Já nos textos em espanhol, o campo semântico é relativo a ideologias feministas, princípios sociais e valores coletivos de segurança e educação: *mujer, libre, ni sumisa, ni devota / linda, loca, rebelde / pobre / no tenemos miedo / movemos el mundo / condiciones dignas*.

Em alguns exemplares, tanto em espanhol como em português, ocorrem termos que remetem para instâncias / ações coletivas: *povo / classe / marcha / luta / defesa / poder / manada / montón*. Por outro lado, nos textos em português, há uma presença acentuada de termos (preposições e advérbios) que explicitam a oposição das instâncias sociais: *classe contra classe / contra a fundação / contra a subida do prato social*.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo procurámos evidenciar o papel do *graffiti* na construção do poder, através de um estudo comparativo de vinte textos produzidos em dois contextos socio-históricos: Lisboa, em Portugal, Rosario, na Argentina. Constatou-se que contextos socio-históricos distintos geram práticas de linguagem diferenciadas e específicas do contexto em que emergem, manifestando-se, nas duas línguas naturais observadas, através de mecanismos (semio)linguísticos singulares. A análise comparativa efetuada, a partir de uma abordagem descendente sobre os textos – entendidos como a realidade observável privilegiada do funcionamento da língua –, evidenciou, como seria expetável, que as características dos textos não dependem apenas das regras de uma língua natural. As especificidades sociais, históricas e culturais dos dois contextos, as atividades sociais com que se articulam os textos (política, académica, entre outras) e o conjunto de fatores contextuais da situação de produção determinam a construção de formas de poder específicas e, consequentemente, influenciam as escolhas (semio)linguísticas dos agentes produtores. Dos resultados obtidos, destacamos os seguintes aspetos:

- No que respeita aos parâmetros contextuais socio-subjetivos, os papéis sociais assumidos pelos emissores, os destinatários por eles construídos e as suas finalidades comunicativas remetem, como já se referiu, para problemáticas sociais específicas de cada contexto de produção.
- Embora o lugar de produção seja evidente em todos os textos, só é possível inferir o momento de produção a partir dos conteúdos tematizados dos textos (posteriormente à tomada de determinadas medidas económicas, por exemplo). Porém, poderíamos afirmar que a impossibilidade de determinar tanto o momento de produção como o produtor físico dos textos é uma característica diferencial e específica do género, ainda que este tenha fronteiras pouco definidas.
- Tanto os emissores como os destinatários são coletivos, assumindo ou lhes sendo atribuída uma voz social representativa de grupos específicos, como partidos políticos, estudantes ou grupos sindicais no caso de Portugal, e o coletivo social feminista e os estudantes universitários, no caso dos textos produzidos na Argentina, embora, nestes últimos, seja também possível inferir um destinatário coletivo associado a grupos ligados a formas sociais que reproduzem práticas próprias do patriarcado (igreja, família, empresas lideradas por homens).
- As finalidades dos textos remetem para a contestação do poder estabelecido e dominante (grupos económicos e políticos, em Portugal, classes políticas e a sociedade retrógrada e patriarcal, na Argentina).
- No que respeita à análise dos recursos linguísticos, embora sejam identificados recursos específicos das duas línguas naturais, observa-se, por um lado, a predominância do discurso interativo, sendo evidenciado, sobretudo, tanto em português como em espanhol, através da presença de formas verbais no presente do indicativo, frases exclamativas e formas pronominais na primeira pessoa do plural e, por outro, a presença acentuada de vozes sociais, evidenciadas através de recursos linguísticos e não linguísticos (cores, logótipos de partidos políticos, símbolos).

Em suma, concluímos que a construção e a contestação do poder nos espaços geográficos e históricos observados são mediadas pelos contextos discursivos em que emergem os textos, manifestando-se em cada contexto através de recursos (semio)linguísticos específicos e singulares de cada língua natural. A expressão de determinados grupos sociais através do *graffiti* revela uma prática discursiva de contrapoder, tendo em conta que procura construir o poder (das mulheres, dos grupos sociais desvalidos, dos estudantes), desconstruindo as formas dominantes, dando voz aos atores sociais que estão impossibilitados de se manifestar nas esferas com mais prestígio e visibilidade nas sociedades

contemporâneas (políticas, financeiras, religiosas). Neste sentido, o *graffiti*, mais do que uma forma de construção de poder, constitui um instrumento social de contrapoder, evidenciando as relações de oposição às formas de poder instituídas dominantes e, assim, as tensões sociais que permeiam as sociedades em que os textos são produzidos.

REFERÊNCIAS

- AÍTA, F., GIOVINAZZI, L., GUERRI, A. & LUCADAMO, T. (2017). *Escritos en la calle*. Buenos Aires: La marca editora.
- BENVENISTE, E. (1966). *Problèmes de linguistique générale*. I vol. Éditions Paris: Gallimard.
- BRONCKART, J.-P. ([1997]1999). *Atividade de linguagem, textos e discursos. Por um interacionismo sócio-discursivo*. (Raquel Machado, A. R. (Trad.)). São Paulo: EDUC.
- BRONCKART, J.-P. (2008). A atividade de linguagem frente a LINGUA: homenagem a Ferdinand de Saussure. In Matos Guimarães, A. M., Machado, A. R. & Coutinho, A. (Eds.), *O Interaccionismo Sociodiscursivo Questões epistemológicas e metodológicas* (pp. 19-42). Campinas: Mercado de Letras.
- BRONCKART, J.-P. (2010). La vie des signes en questions: des textes aux langues et retour. In Brito, A. M., Silva, F., Veloso, J. & Fiéis, A. (Eds.). *Textos Seleccionados, XXV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística* (pp. 11-40). Porto: APL.
- CAMPOS, R. (2007). *Pintando a cidade: uma abordagem antropológica ao graffiti urbano*. Tese de Doutorado em Antropologia Visual. Lisboa: Universidade Aberta. Disponível em <http://hdl.handle.net/10400.2/765>
- CAMPOS, R. (2009). Entre as luzes e as sombras da cidade: visibilidade e invisibilidade no graffiti. *Etnográfica*, vol. 13 (1). Disponível em <http://etnografica.revues.org/1292>
- FAIRCLOUGH, N. (1989). *Language and Power*. Harlow: Longman Group UK Limited.
- FAIRCLOUGH, N. (2001). *Discurso e Mudança Social*. Brasília: UNB.
- GENETTE, G. (1979). *Introduction à l'architexte*. Paris: Seuil.
- GONÇALVES, M., JORGE, N., RIBEIROS, I., CUNHA, L., LUÍS, M. R., & COUTINHO, A. (2018). Textos de divulgação da ciência – das práticas sociais à aula de Português. In Gonçalves, M. & Jorge, N. (Orgs.), *Literacia científica na escola* (pp. 90-102). Lisboa: NOVA FCSH-CLUNL. Disponível em <https://drive.google.com/file/d/1I3hF05jjiSahm9RWHmOpKz5-JGcBBP44/view>
- GONÇALVES, M. (2011). “Espécie de texto”: contributo para a caracterização do sítio web. *Hipertextus*, 7, 1-12. Disponível em <http://www.hipertextus.net/volume7/02-Hipertextus-Vol7-Matilde-Goncalves.pdf>

- MIRANDA, F. (2008). Géneros de texto e tipos de discurso na perspectiva do interaccionismo Sociodiscursivo: que relações? *Estudos Linguísticos/ Linguistic Studies*, 81-100. Disponível em <http://fabricadesites.fcsh.unl.pt/clunl/wp-content/uploads/sites/12/2018/02/florenca-miranda.pdf>
- PEDRO, E. (1997). Análise crítica do discurso: aspectos teóricos, metodológicos e analíticos. In Pedro, E. R. (Org.). *Análise Crítica do Discurso*. Lisboa: Caminho.
- ROSA, R. (2018a). The attribution of genre tags: the graffiti case. In Coutinho, M. A., Guilherme, A., Teixeira, J. & Carvalho, B. (Eds.). *Grammar and text: Selected papers from the 10th and 11th Linguistic Sharing Forum* (pp. 88-104). Cambridge: Cambridge Scholars Publishing.
- ROSA, R. (2018b). A ordem do expor e a ordem do narrar nos textos de divulgação científica. In Gonçalves, M & Jorge, N. (Orgs.), *Literacia científica na escola* (pp. 70-78). Lisboa: NOVA FCSH – CLUNL. Disponível em <https://drive.google.com/file/d/1I3hF05jjiSahm9RWHmOpKz5-JGcBBP44/view>
- SAUSSURE, F. (2002). *Écrits de linguistique générale*. Paris: Gallimard.
- SIMONIN-GRUMBACH, J. (1975). Pour une typologie des discours. In Kristeva, J., Milner, J.-C & Ruwet, N. (Eds), *Langue, discours, société. Pour Émile Benveniste* (pp. 85-121). Paris: Seuil.
- WEINRICH, H. ([1964]1973). *Le temps: récit et commentaire* (trad. M. Lacoste). Paris: Seuil.

O poder primeiro das linguagens em uso é, na verdade, o poder de convocar o outro, mas só enquanto o próprio locutor se expõe a esse outro e aceita ser questionado ao questionar. Comunicar é então construir um “poder-em-comum” ou *concertado*, uma expressão que, de forma muito livre, retomamos de H. Arendt e que a pragmática discursiva valoriza como princípio regulador da interação. Interessados nas linguagens *do* poder, os vários autores colocaram no seu horizonte analisar as linguagens *de* poder, explorar diferentes linguagens, verbais e não-verbais. E todos os estudos, cada um a seu modo, concorrem para enfatizar a centralidade e a saliência dos discursos como práticas linguísticas e sociais próprias de diferentes esferas de atividade social, mas sempre linguagens para o(s) outro(s).